INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EJA: "OU VOCÊ APRENDE OU FICA PARA TRÁS"

Rute Vera Maria Favero[1]
Júlia Dal Castel Piva[2]
Raíssa Gabriella Wasem Cardoso[3]

[1] CAp-UFRGS - rute@ufrgs.br
https://orcid.org/0000-0001-9800-7013

[2] Pedagogia/UFRGS - juliadcpiva@gmail.com
https://orcid.org/0009-0003-7506-4180

[3] PPGS/UFRGS - raissagabriellawc@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5255-4062

Resumo: Este estudo examina como estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS) percebem a Inteligência Artificial (IA) e quais condições escolares favorecem ou limitam seu uso pedagógico. Combinaram-se questionário on-line, que foi respondido por 45% dos 88 dos matriculados, e observação participante nas aulas de Cultura Digital. Os resultados mostram que 72,5 % já utilizam ferramentas baseadas em IA, sobretudo o ChatGPT, e 95% consideram útil aprender sobre o tema na escola. Quanto ao apoio institucional, 72,5% afirmam receber algum incentivo docente, mas relatam barreiras como acesso restrito a computadores, dependência de smartphones simples e desconhecimento de alguns professores. As conclusões apontam que formação continuada dos docentes, investimento em infraestrutura e discussão ética são decisivos para transformar a curiosidade dos alunos em aprendizagem efetiva, consolidando a IA como instrumento de inclusão, qualificação profissional e emancipação no contexto da EJA.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. EJA. Cultura Digital. BNCC.

ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: "EITHER YOU LEARN OR FALL BEHIND"

Abstract: This study examines how students in the Educação de Jovens e Adultos (EJA) program at the Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS) perceive Artificial Intelligence (AI) and which school conditions support or constrain its pedagogical use. We combined an online questionnaire, completed by 45% of the 88 enrolled students, with participant observation in Cultura Digital classes. Results show that 72.5% already use AI-based tools—especially ChatGPT—and 95% regard learning about AI at school as beneficial. Regarding institutional support, 72.5% report receiving some encouragement from teachers, yet cite barriers such as limited access to computers, reliance on basic smartphones, and lack of knowledge among some instructors. Findings suggest that ongoing teacher professional development, infrastructure investment, and sustained ethical discussion are critical to turning students' curiosity into effective learning, consolidating AI as an instrument of inclusion, workforce qualification, and emancipation in the EJA context.

Keywords: Artificial Intelligence; Youth and Adult Education; Digital Culture; BNCC

1. Introdução

A rápida evolução da tecnologia, especialmente no campo da Inteligência Artificial (IA), tem transformado de forma significativa as práticas de ensino e aprendizagem dentro e fora da escola, instaurando "ecologias cognitivas" em que a alfabetização semiótica passa a ser condição de cidadania (Santaella, 2003, p. 27). De acordo com o *Complemento da BNCC – Computação* (Brasil, 2022), a IA pode ser definida como o conjunto de sistemas ou máquinas capazes de imitar processos de inteligência humana para solucionar problemas e tomar decisões, sendo sua grande contribuição a automatização de diversas tarefas cognitivas. A partir de 2023, com a popularização de tecnologias como ChatGPT, o uso de IA para realização de tarefas escolares se popularizou no Brasil. Nesse contexto, a integração da IA na educação emerge como um tema importante para preparar os estudantes para os desafios de um mundo cada vez mais digitalizado.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), entretanto, o debate sobre essas ferramentas nem sempre é priorizado. Parte dos docentes argumenta que existem demandas imediatas, como alfabetização, defasagens curriculares, entre outras, e que estas deveriam se sobrepor ao letramento digital; outros temem usos inadequados da IA pelos alunos. O próprio documento da BNCC Computação alerta que a exploração indiscriminada de algoritmos pode acarretar riscos éticos e sociais, o que reforça a necessidade de um acompanhamento pedagógico criterioso.

Estudos recentes (Favero; Cardoso; Segabinazzi, 2024) mostram, porém, que os estudantes da EJA já acessam Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no cotidiano e as consideram essenciais para aprender e atuar no mundo do trabalho. Essa percepção alinha-se à competência geral 5 da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que orienta o uso crítico, reflexivo e ético das tecnologias para resolver problemas e exercer protagonismo social:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p. 65)

Diante disso, apresentar e incentivar a utilização das IAs colabora para a inclusão dos estudantes da EJA em um mundo cada vez mais digital e automatizado. É importante destacar, ainda, a relevância dessas tecnologias para o mundo do trabalho, especialmente considerando que os alunos da EJA pertencem à classe trabalhadora. Nesse contexto, o desenvolvimento de competências digitais, incluindo o uso de IA, torna-se uma estratégia de qualificação profissional, visto que muitos dos alunos retomam os estudos com o objetivo de conquistar melhores oportunidades de emprego (Favero; Cardoso; Piva, 2024).

A fim de investigar a percepção dos alunos da EJA sobre o uso da IA no contexto educacional, este estudo tem como cenário o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp-UFRGS). A pesquisa foi realizada por meio de um questionário que abrange três eixos fundamentais: o histórico de uso de ferramentas de IA pelos alunos; o incentivo, ou não, por parte dos professores quanto à utilização dessas ferramentas; e a percepção dos estudantes sobre os benefícios de aprender sobre Inteligência Artificial.

Considerando a crescente importância da IA na sociedade, compreender como os estudantes da EJA no CAp-UFRGS se relacionam com essa tecnologia é essencial para orientar práticas pedagógicas mais alinhadas às demandas e à realidade de quem aprende. Para Freire

(2005), é fundamental conectar o processo educativo à realidade dos educandos, integrando os conteúdos escolares às suas vivências.

> Quanto mais se problematizam os educandos como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade, e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isso, cada vez mais desalienada. (Freire, 2003, p. 70).

Dessa forma, o artigo busca responder: **quais são as percepções dos estudantes da EJA sobre a IA e que condições escolares favorecem (ou limitam) seu uso pedagógico?** Ao articular dados empíricos e referencial crítico, pretende-se contribuir para o debate sobre o papel das tecnologias emergentes na formação de sujeitos historicamente afastados do letramento digital.

2. Metodologia

A metodologia adotada neste estudo segue os princípios de investigação científica conforme propostos por Köche (2002), e combina abordagens qualitativas e quantitativas, uma vez que ambas "podem conduzir a resultados importantes sobre a realidade social" (Minayo, 2010, p.57) e também "relações, histórias, representações, pontos de vista [...] dos sujeitos em ação" (Minayo, 2010, p.63). O objetivo foi compreender a relação dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Educação de Jovens e Adultos do CAp-UFRGS com o uso da Inteligência Artificial na educação, considerando tanto suas percepções quanto suas experiências práticas.

Optou-se pela realização de um estudo de caso, conforme definido por Yin (2010), como um método apropriado para investigar eventos contemporâneos em profundidade, especialmente quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos. Para ampliar a compreensão do fenômeno, recorreu-se à triangulação de métodos, conforme defendido por Denzin (1978), combinando técnicas distintas de coleta de dados — questionários, observação participante e registros pedagógicos — para enriquecer a análise e conferir maior confiabilidade aos resultados.

O estudo incorporou procedimentos de observação participante, uma vez que a pesquisadora atua como docente da disciplina de Cultura Digital e acompanha diretamente os processos de aprendizagem dos estudantes. As observações foram realizadas ao longo do ano letivo de 2023, período que coincide com a aplicação do questionário, garantindo coerência temporal entre as diferentes fontes de dados. A convivência semanal com os alunos, especialmente durante atividades práticas envolvendo o uso de IA, permitiu registrar interações, comportamentos e percepções significativas para a análise. A inserção da pesquisadora no cotidiano escolar possibilitou uma escuta sensível e reflexiva sobre os sentidos atribuídos às tecnologias utilizadas. Essa abordagem está em consonância com os princípios da observação participante na pesquisa qualitativa, conforme discutido por Minayo (2010), que reconhece a importância da vivência direta do pesquisador no campo como forma de apreender as dimensões simbólicas da realidade social.

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário on-line estruturado com 35 perguntas: 24 de resposta fechada (simples e múltipla escolha) e 11 questões abertas, visando levantar tanto dados objetivos quanto interpretações subjetivas dos estudantes em relação à IA. Observa-se, entretanto, que neste artigo analisam-se apenas aquelas relacionadas à IA e outras

diretamente pertinentes aos objetivos do estudo. A combinação entre diferentes tipos de perguntas permite captar não apenas tendências e frequências, mas também os significados atribuídos pelos participantes ao tema em questão. Essa estratégia dialoga com a orientação de Gil (2008), que destaca a utilidade dos questionários como instrumento capaz de reunir informações amplas e variadas, sobretudo em contextos educativos.

O questionário foi disponibilizado em formato online para facilitar o acesso e garantir o anonimato das respostas. As questões contemplaram três eixos principais: o histórico de uso de ferramentas de IA, o incentivo ou não por parte dos professores quanto à sua utilização, e a percepção dos alunos sobre os possíveis benefícios de aprender sobre IA no ambiente escolar. Cabe salientar que este estudo está em conformidade com a Resolução CNS 510/2016 para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Por tratar-se de questionário on-line totalmente anônimo, dispensou-se a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o consentimento foi obtido de forma implícita ao continuar a responder ao questionário. Nenhum dado pessoal identificável (nome, e-mail, IP) foi coletado.

Todos os 88 alunos matriculados no primeiro semestre de 2023, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio da EJA, no CAp-UFRGS, foram convidados a responder ao questionário aplicado no início do ano de 2023, durante as aulas de Cultura Digital. Quarenta estudantes (45% do total) concluíram o formulário. A não participação dos demais se deveu sobretudo à ausência nas datas de aplicação, provável recusa ao convite ou infrequência típica desse público. A amostra preserva a distribuição global de gênero (55% mulheres, 45% homens), etnia (62,5% brancos, 37,5% negros) e faixa etária (18–59 anos), oferecendo representatividade interna sem pretensão de generalização para outras instituições.

Os estudantes participantes frequentam semanalmente as aulas de Cultura Digital, nas quais são abordados temas relacionados às TDICs, incluindo o uso da IA em contextos educacionais, profissionais e cotidianos. Essas vivências em sala de aula, associadas aos dados obtidos por meio do questionário e às observações diretas da prática docente, compõem o corpus desta investigação.

2.1. Limitações do estudo

Considera-se importante salientar alguns limites que podem influenciar a interpretação dos resultados. Em primeiro lugar, a pesquisadora acumulou os papéis de docente e observadora, o que pode ter levado parte dos alunos a responder de modo a agradar à autoridade (viés de desejabilidade social). Em segundo lugar, as informações foram obtidas por autorrelato em questionário on-line, ficando sujeitas à memória seletiva e à compreensão particular de cada pergunta. Além disso, o item formulado de forma genérica sobre “incentivo docente” não permitiu identificar de quais disciplinas/docentes partiam, de fato, os estímulos ao uso de IA podendo abrir espaço para respostas ambíguas. Por fim, trata-se de uma amostra voluntária de um único colégio; logo, a generalização para outras realidades da EJA deve ser feita com cautela.

3. Panorama da pesquisa sobre IA na EJA: contexto e contribuições

Apesar do crescimento acelerado de pesquisas sobre IA na educação, estudos focados especificamente na EJA ainda são escassos, especialmente no contexto brasileiro. A maior parte dos trabalhos concentra-se no ensino regular ou em experiências internacionais de educação de adultos em países de alta renda.

Estudos recentes revelam uma adoção crescente, mas heterogênea, da IA na educação de adultos ao redor do mundo. Nos Estados Unidos, uma pesquisa on-line com 407 docentes de

alfabetização de adultos apurou que 41% já empregaram o ChatGPT em aula, 71% enxergam na IA potencial para reforçar leitura e escrita e 59% temem plágio (Cacicio; Riggs, 2023). Entre os próprios cursistas, Huang et al. (2024) encontraram 62% de uso de IA generativa, principalmente para esclarecer dúvidas e elaborar rascunhos, enquanto Singh et al. (2024), em dois campi universitários na Índia, registraram 47% de adultos que recorrem à IA para redigir textos e obter feedback. Paralelamente, Coelho e Araújo (2024) propõem quatro frentes de integração da IA no ensino de adultos (tutoria personalizada, avaliação formativa automatizada, mapeamento de competências e apoio metacognitivo), embora ainda não apresente evidências empíricas. No Brasil, permanecem raros os trabalhos com dados de campo: Almeida e Santos (2023) discutem desafios do ChatGPT na educação básica regular, e Oliveira (2022) realiza revisão sistemática sobre IA na EJA, ambos apontando lacunas relativas a desigualdades de acesso e autoria.

Diante desse cenário, o presente estudo oferece três contribuições originais: (i) evidência empírica de que 72,5% dos estudantes da EJA em uma escola pública já utilizam IA e 95% desejam aprofundar o tema; (ii) análise dos condicionantes institucionais, como carência de equipamentos, formação docente incipiente e dilemas éticos, que modulam essa adoção; e (iii) recomendações curriculares alinhadas à BNCC para integrar a IA de modo ético e emancipatório no cotidiano da EJA.

Esses achados são particularmente relevantes, pois dialogam com o alerta de De Moraes e Matilha (2013, p. 4): “mais do que proibir o uso desta tecnologia, precisamos repensar a forma como a educação pode se apropriar dela”. Os resultados apresentados a seguir demonstram como tal apropriação pode ocorrer na prática, respeitando as especificidades dos sujeitos da EJA.

4. Resultados e Discussão

Este capítulo apresenta os principais achados obtidos a partir do questionário on-line e da observação participante, articulando-os às questões de pesquisa e à literatura já apresentada.

A revisão apresentada no capítulo 3 evidenciou lacunas importantes: a escassez de investigações empíricas sobre IA na EJA brasileira, a predominância de estudos em contextos internacionais de alta renda e a preocupação recorrente com desigualdades de acesso e autoria. Os resultados que se seguem dialogam diretamente com essas lacunas, oferecendo evidência de campo em uma escola pública do Sul do Brasil e permitindo cotejar nossos achados com percentuais relatados por pesquisas em adultos nos Estados Unidos e na Índia.

Discutem-se, primeiro, os padrões de uso de ferramentas de inteligência artificial relatados pelos estudantes; em seguida, analisam-se as formas de incentivo docente percebidas e, por fim, avaliam-se os benefícios e desafios atribuídos à aprendizagem de IA no contexto da EJA.

Em relação às ferramentas de IA, é possível identificar na Tabela 1 que 72,5% dos alunos afirmaram já terem utilizado alguma. Esse percentual supera o verificado em programas de educação continuada na Índia, onde 47% dos adultos recorrem a IA generativa para rascunhar textos (Singh et al., 2024), e aproxima-se dos 62% relatados por Huang et al. (2024) em contexto norte-americano de educação de adultos, sinalizando tendência internacional de rápida adoção. Também uma parcela significativa manifestou interesse em aprender (22,5%), indicando disposição para explorar mais a fundo essas tecnologias, movimento semelhante ao observado por Yim (2024) entre estudantes do ensino fundamental regular. Por outro lado, 2,5% declararam não as utilizar por considerá-las desnecessárias e outros 2,5% afirmaram não usar por medo. Conforme destacado por Bocasanta e Rapkiewicz (2019), os alunos da EJA frequentemente têm receio das tecnologias que desconhecem, refletindo o descompasso entre a

velocidade de adoção das mídias e a formação de competências para decodificá-las (Santaella, 2005, p. 68). Por isso, as autoras defendem a introdução das TDICs durante as aulas como forma de dissipar o medo, promovendo a autonomia e o letramento digital.

Tabela 1 - Você já fez uso de alguma ferramenta de Inteligência Artificial? (n=40)

Não utilizei, mas gostaria de aprender	22,5%
Não utilizei, pois acho-as desnecessárias	2,5%
Não utilizei, pois tenho medo de usar	2,5%
Sim, já utilizei	72,5%

Fonte: Elaboração própria (2025)

Entre as ferramentas de Inteligência Artificial utilizadas pelos estudantes, destaca-se, de forma expressiva, o ChatGPT, utilizado por 82,5% dos participantes, como pode ser observado na Tabela 2. Esse dado evidencia que os estudantes têm maior afinidade com ferramentas voltadas para pesquisas, geração de textos e organização de ideias, o que se alinha com demandas escolares, como produção de trabalhos, compreensão de conteúdos e desenvolvimento de atividades. Já o Bard, ferramenta semelhante, foi citado por apenas 7,5% dos alunos, o que pode indicar menor familiaridade.

Na sequência, o Bing aparece como a segunda ferramenta mais utilizada, com 55,0% dos estudantes relatando seu uso. Isso indica que as buscas assistidas por IA, que oferecem respostas rápidas e resumidas, também fazem parte do repertório digital dos alunos, possivelmente por serem uma extensão natural de atividades de pesquisa que já realizavam na internet.

Outras ferramentas, embora menos frequentes, indicam interesses específicos. No questionário, FaceApp e Remini foram mencionados por 10,0% dos respondentes cada. Ambos são aplicativos de edição e aprimoramento de imagens, recurso normalmente associado ao uso em redes sociais. Essa tendência encontra eco nas aulas presenciais: em conversas espontâneas, várias alunas relataram recorrer a filtros, inclusive do Instagram, para “corrigir” detalhes da própria aparência. Esses depoimentos qualitativos, captados durante a observação participante, sugerem que o engajamento feminino com tais aplicativos vai além do entretenimento, conectando-se a questões de autoestima e representação digital.

Ferramentas mais especializadas, como Voice Changer (7,5%), Humata (7,5%), Leonardo.Ai (2,5%), AI Coustics (2,5%) e Canva (2,5%), aparecem com menor adesão. Vale salientar que os dados apresentados foram coletados por meio de um questionário aplicado em 2023. No entanto, em 2025, momento da elaboração deste artigo, observa-se o surgimento de novas ferramentas, bem como a popularização de outras que, até então, eram pouco utilizadas pelos estudantes. É o caso do Canva, que passou a ter um uso mais recorrente nesse intervalo de tempo.

Tabela 2 - Qual(is) ferramentas de Inteligência Artificial você utiliza? (n=40)
Obs.: a soma ultrapassa 100% porque era possível marcar mais de uma opção.

ChatGPT	82,5%
Bing	55,0%
FaceApp	10,0%
Remini	10,0%

Bard	7,5%
Voice Changer	7,5%
Humata	7,5%
Canva	2,5%
Leonardo.Ai	2,5%
AI Coustics	2,5%

Fonte: Elaboração própria (2025)

Para compreender melhor como a Inteligência Artificial é utilizada pelos estudantes da EJA e qual a visão destes diante das tecnologias, é fundamental identificar se os educadores incentivam os educandos a fazer uso da IA no contexto educacional, bem como compreender a natureza desse incentivo, isto é, se esse se dá por meio de ações práticas, orientações verbais ou outras formas de mediação pedagógica. A esse respeito, os alunos responderam que 72,5% dos professores os incentivam a conhecerem e utilizarem ferramentas de IA (Tabela 3). Já em um levantamento com 407 professores de alfabetização de adultos nos EUA, apenas 41% declararam incorporar o ChatGPT em suas aulas (Cacicio & Riggs, 2023). Embora os indicadores não meçam a mesma dimensão (percepção discente x uso efetivo docente), ambos sugerem que a adoção pedagógica da IA ainda tem espaço para crescer. Entretanto, é preciso cautela ao interpretar o dado de 72,5%**.** O questionário foi intencionalmente formulado de maneira genérica sem especificar quais professores promoviam esse incentivo, com o intuito de captar a percepção geral dos estudantes sobre o tema no ambiente escolar. Essa formulação, contudo, pode ter levado os estudantes a se referirem, ainda que indiretamente, à professora de Cultura Digital — uma vez que todos os participantes frequentam essa disciplina semanalmente e nela o tema é frequentemente abordado de forma prática e reflexiva. Já os 12,5% que afirmaram receber incentivo de todos os docentes podem ter interpretado eventuais comentários como apoio generalizado, embora o contexto dessas manifestações não tenha sido detalhado nas respostas. Como aponta Minayo (2010, p. 312), “a produção da fala é, ao mesmo tempo, espontânea e constrangida pela situação”, o que exige uma escuta atenta ao contexto no qual as respostas foram elaboradas. No caso da EJA, essa escuta torna-se ainda mais relevante, pois os sujeitos carregam trajetórias marcadas por exclusões e silenciamentos, o que pode influenciar tanto o conteúdo quanto a forma de suas falas. Assim, compreender suas respostas demanda sensibilidade para captar sentidos implícitos e interpretar as falas em sua complexidade.

A partir da inserção da pesquisadora no cotidiano escolar, por meio de práticas contínuas de observação participante, foi possível captar nuances não reveladas de forma explícita nos questionários. Essa convivência direta contribuiu para perceber que, embora a maioria (85%) dos alunos reconheça algum nível de incentivo, tal percepção pode refletir interpretações subjetivas ancoradas na experiência com uma única disciplina. Conforme Minayo (2010, p. 274), é imprescindível considerar o ponto de vista do sujeito situado na realidade empírica, compreendendo os dados como construções simbólicas. Assim, a análise precisa levar em conta essas mediações para não incorrer em generalizações que obscureçam a complexidade das práticas pedagógicas vividas na EJA. Nesse sentido, o papel do pesquisador enquanto observador participante se mostra essencial, pois permite uma escuta qualificada e uma interpretação situada, ampliando a compreensão sobre os significados atribuídos pelos alunos às experiências relatadas e vivenciadas. Essa postura investigativa fortalece a credibilidade da análise ao articular os dados obtidos com a vivência concreta no campo.

Tabela 3 - Seus professores incentivam que você conheça e utilize ferramentas de Inteligência Artificial? (n=40)

Não, nenhum	15%
Sim, alguns	72,5%
Sim, todos	12,5%

Fonte: Elaboração própria (2025)

Contudo, mesmo que 29 dos 40 participantes (72,5%) percebam um incentivo por parte de alguns professores para explorar ferramentas de IA, é relevante compreender a natureza desse incentivo e identificar possíveis fatores que podem estar influenciando a abordagem dos educadores em relação à IA.

A respeito disso, a professora de Cultura Digital do CAp-UFRGS afirma que, embora incentive seus alunos a explorar as possibilidades da inteligência artificial, lida com desafios concretos em sua prática docente. No ambiente escolar, os estudantes têm acesso a computadores e conexão à internet durante as aulas, o que possibilita o desenvolvimento das atividades propostas. No entanto, fora do colégio, segundo relato da professora, poucos possuem computador em casa, e a maioria conta apenas com smartphones de baixa capacidade, o que limita o uso de várias ferramentas de IA, especialmente aquelas que exigem instalação de aplicativos ou acesso constante à internet por meio de dados móveis. Soma-se a isso a variação nos níveis de letramento digital entre os alunos, o que exige acompanhamento pedagógico contínuo. No campo ético, a professora observa que o uso da IA por alguns alunos como forma de evitar o esforço intelectual levanta a necessidade de conversas frequentes sobre autoria, preocupação convergente com os dilemas descritos por Silva et al. (2023) ao analisar desafios éticos da IA em diferentes níveis de ensino. Quanto ao ambiente institucional, desde que iniciou o uso da IA com os alunos, em 2023, a docente percebeu resistências por parte de alguns colegas. Inicialmente, essas manifestações eram mais frequentes e, em alguns casos, envolviam posicionamentos contrários à explicação ou ao uso dessas tecnologias com estudantes. Com o tempo, essas objeções tornaram-se mais esparsas, embora ainda ocorram comentários indiretos quando algum aluno faz uso inadequado da IA, como se a responsabilidade fosse atribuída unicamente à docente por tê-la apresentado em aula. Há também relatos de colegas que testaram algumas ferramentas e, mesmo assim, consideraram que o uso pelos estudantes não deveria ser estimulado. Diante desse cenário, a professora reafirma a importância do papel docente: cabe ao professor mediar o contato com essas tecnologias, orientar usos conscientes e ensinar os alunos a perguntar, interpretar e agir com autonomia e ética em um mundo cada vez mais atravessado por algoritmos.

É importante observar que, embora todos os participantes frequentem as aulas de Cultura Digital, 15% afirmaram que nenhum professor incentiva o uso ou o conhecimento sobre IA. Esse dado pode indicar que, para esses alunos, as ferramentas apresentadas em aula não são reconhecidas como Inteligência Artificial, o que revela possíveis desafios na compreensão e na identificação do que caracteriza uma IA.

Sobre a compreensão de ser benéfico o ato de aprender IA na escola, 95% dos estudantes acreditam que este tipo de aprendizado pode lhes trazer benefícios, e apenas 5% não acreditam haver algum benefício em se aprofundar no conhecimento sobre IA (Tabela 4). Cabe salientar, portanto, que a quase unanimidade sugere uma percepção positiva em relação à relevância da IA no contexto educacional.

Tabela 4 - Você acredita que aprender sobre Inteligência Artificial na escola pode ser benéfico para você? (n=40)

Sim	95%

Não	5%

Fonte: Elaboração própria (2025)

A partir de perguntas com resposta aberta, os participantes destacaram diversos benefícios de aprender sobre IA. Estudar e realizar trabalhos de aula está entre os principais. (Neste artigo, A = aluno, M/F = gênero, números = faixa etária; por exemplo, A1, M, 18-24 identifica o primeiro aluno, masculino, na faixa de 18 a 24 anos.) Nesse contexto, a Inteligência Artificial pode "ajudar a entender algumas coisas" (A1, M, 18-24); "corrigir textos, deixando eles mais formal" (A2, M, 18-24), "ajudar a resolver questões que eu talvez não consiga realizar sozinho" (A3, M, 18-24) e "ver de outra forma como podemos resolver algumas situações" (A4, F, 25-29).

Aprender sobre IA também é útil para o mercado de trabalho. Fazer currículo e se qualificar apareceram entre os exemplos práticos: "Temos que acompanhar o que é o futuro, e você conhecer pode te beneficiar e te qualificar em algumas áreas de serviço" (A5, M, 30-39).

Além disso, os respondentes afirmaram que a importância de aprender também está em acompanhar as tendências tecnológicas. Conforme explicou A6 (M, 40-49), "É um tema que está em pauta, é muito falado no momento, ou você aprende ou fica para trás". Essa afirmação — que inspirou o título deste artigo — sintetiza a urgência percebida pelos educandos frente às transformações tecnológicas. Ainda, A7 (M, 30-39) afirma: "É importante o domínio de coisas desconhecidas, mesmo que não for usar muito, o desconhecido dá medo e insegurança, e também para não sermos leigos sobre o assunto".

Por fim, vale destacar que os estudantes observaram a necessidade do uso consciente da Inteligência Artificial: "Usando com responsabilidade pode ser algo bom para todos" (A8, F, 18-24). Também A9 (F, 50-59) afirma: "pode nos ajudar, mas também pode nos prejudicar". Essas ideias encontram eco no que defenderam Bocasanta e Wisch (2018) sobre o impacto do uso das TDICs. Segundo as autoras, é preciso preparar os estudantes para viver em um mundo permeado pela tecnociência, buscando não apenas a capacitação ao uso das ferramentas digitais, mas também o desenvolvimento de uma perspectiva mais aprofundada e questionadora sobre como elas influenciam a sociedade contemporânea.

Ainda, evidencia-se a importância do ensino do uso ético de IAs para os educandos, uma vez que um dos papéis da escola é proporcionar um espaço aberto para a discussão das práticas humanas de forma crítica. De acordo com a BNCC Computação (Brasil, 2022, p. 64), é uma habilidade importante "Conhecer os fundamentos da Inteligência Artificial, comparando-a com a inteligência humana, analisando suas potencialidades, riscos e limites."

As respostas indicam uma compreensão diversificada sobre os benefícios percebidos do aprendizado em IA. As quatro frentes propostas por Coelho e Araújo (2024), quais sejam, tutoria personalizada, avaliação formativa automatizada, mapeamento de competências e apoio metacognitivo, oferecem pistas de como transformar essa motivação discente em práticas pedagógicas concretas no contexto da EJA. Nesse sentido**,** os alunos reconhecem as aplicações práticas da IA em diversos contextos e demonstram consciência sobre a importância do uso responsável dessa tecnologia.

5. Considerações Finais

Os dados analisados neste estudo revelam uma aceitação significativa por parte dos estudantes da EJA do CAp-UFRGS, em relação à introdução e uso da Inteligência Artificial no contexto educacional. No grupo pesquisado, 29 dos 40 estudantes indicaram uso prévio de ferramentas

de IA (72,5%), como o ChatGPT, e demonstra interesse em ampliar esse conhecimento, tanto para fins escolares quanto profissionais. A percepção geral é de que aprender sobre IA na escola é benéfico, sendo esse aprendizado associado a melhorias práticas, como a produção de textos, a compreensão de conteúdos, o desenvolvimento de currículos e a resolução de problemas cotidianos. Vale lembrar que 95% dos respondentes declararam considerar esse aprendizado benéfico, corroborando a alta receptividade registrada no questionário. Essas conclusões devem ser lidas à luz das limitações metodológicas deste estudo, baseadas em autorrelato e na dupla condição pesquisadora-docente, que podem influenciar as respostas.

Ao mesmo tempo, os resultados indicam que o incentivo docente à exploração dessas tecnologias existe, mas não de forma uniforme. Também pesam as condições materiais: muitos alunos dependem de smartphones de baixa capacidade e não dispõem de computadores em casa, repetindo a preocupação destacada por Oliveira (2022) em revisão sobre IA na EJA. Esse quadro dialoga com a noção de "exclusão em camadas" de Santaella (2013), segundo a qual o mero acesso técnico constitui apenas o primeiro degrau de uma escada que envolve letramento midiático e apropriação crítica. A insuficiência de recursos, portanto, restringe o uso de IA fora da escola e reforça a necessidade de políticas de infraestrutura e formação docente. Além disso, ainda há professores que resistem a abordar o tema, seja por desconhecimento, receio de uso inadequado por parte dos alunos ou por não reconhecerem algumas ferramentas como pertencentes ao campo da IA. A fala da professora de Cultura Digital, que desde 2023 desenvolve práticas sistemáticas com IA em sala de aula, evidencia tanto os avanços quanto os desafios enfrentados, incluindo a necessidade de mediação constante sobre uso ético, a adaptação às limitações tecnológicas dos alunos fora do ambiente escolar e o enfrentamento de resistências institucionais.

Esse contexto reforça o papel estratégico da escola na formação crítica e ética frente às tecnologias emergentes. A própria BNCC orienta para o desenvolvimento de competências que envolvam o uso consciente, significativo e autoral das TDICs, incluindo a Inteligência Artificial. Tal formação é ainda mais urgente quando se trata da EJA, pois envolve sujeitos historicamente excluídos dos processos de letramento digital, que agora precisam não apenas acessar, mas compreender e questionar as implicações das tecnologias em suas vidas.

A escuta atenta às vozes dos estudantes também aponta caminhos para o trabalho pedagógico: eles reconhecem tanto as potencialidades quanto os riscos da IA demonstrando disposição para aprender com responsabilidade e interesse em não permanecerem alheios às transformações do mundo digital. Como já defendido por autores como Freire (2005), é no reconhecimento da realidade do educando e na sua problematização que o processo educativo se torna verdadeiramente formador.

Portanto, ao considerar a IA como parte integrante do currículo, a escola amplia sua função social: não apenas ensinar a operar ferramentas, mas formar sujeitos capazes de pensar criticamente sobre as tecnologias que os cercam, como defende Santaella ao apontar que alfabetização digital e algorítmica integra a formação cidadã do século XXI (Santaella, 2020). O uso pedagógico da IA na EJA, como demonstrado neste estudo de caso, não deve ser visto como uma ameaça, mas como uma oportunidade de inclusão, qualificação e emancipação. Conclui-se, ainda, que políticas de formação docente, melhorias de infraestrutura e uma abordagem ética consistente são decisivas para converter a curiosidade dos alunos em aprendizagem efetiva. Nesse sentido, compreender o que os alunos da EJA dizem, e também o que silenciam, sobre a Inteligência Artificial exige mais do que levantar dados. Isso requer atenção para captar sentidos muitas vezes implícitos, construídos em contextos de exclusão e resistência.

Tal escuta exige sensibilidade e empatia. Como nos lembra Da Matta (1978, p. 35), “para distinguir o piscar mecânico e fisiológico de uma piscadela sutil e comunicativa, é preciso sentir a marginalidade, a solidão e a saudade. É preciso cruzar os caminhos da empatia e da humildade.” É com esse olhar que a escola pode, de fato, incluir, formar e transformar.

Referências

ALMEIDA, R.; SANTOS, P. ChatGPT na educação básica: desafios e possibilidades. Educação em Revista, v. 39, 2023.

BOCASANTA, Daiane Martins; RAPKIEWICZ, Clevi Elena. Letramento digital na Educação de Jovens e Adultos: uma experiência no Colégio de Aplicação da UFRGS. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 57-65, ago./dez. 2019.

BOCASANTA, Daiane Martins; WISCH, Tasia. Daqui uns tempos é tudo informática: análise de uma experiência nos Anos Iniciais da EJA. Cadernos de Aplicação, v. 31, n. 2, p.10-19, 2018. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/89532. Acesso em: 01 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. BNCC Computação - Complemento. Brasília, 2022. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/anexo_parecer_cneceb_n_2_2022_bncc_computacao.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016, Seção 1, p. 44-46.

CACICIO, S.; RIGGS, R. ChatGPT: leveraging AI to support adult learning. Adult Literacy Education, v. 5, n. 2, p. 70-74, 2023.

COELHO, T.; ARAÚJO, L. Integrating artificial intelligence into adult education. Preprint disponível em ResearchGate, 2024.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson (org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 25-38.

DE MORAES, J. A.; MATILHA, A. Todo poderoso GPT. Revista Humanitas, n. 162, p. 20-30, 2013.

DENZIN, Norman K. The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods. 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1978.

FAVERO, Rute Vera Maria; WASEM, Raíssa Gabriella Wasem; SEGABINAZZI, Stefani Daniel. A relação do alunado EJA com as tecnologias: uma perspectiva crítica da BNCC. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 37, 2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HUANG, X.; et al. Generative AI in adult education: perspectives from students and instructors in the United States. Computers and Education: Artificial Intelligence, v. 6, 100218, 2024.

KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, M. Inteligência artificial e Educação de Jovens e Adultos: revisão sistemática. Cuadernos de Educación, v. 15, n. 2, 2022.

PIVA, Júlia Dal Castel; CARDOSO, Raíssa Gabriella Wasem; FAVERO, Rute Vera Maria. Cultura Digital na EJA: uma experiência no Colégio de Aplicação da UFRGS. Cadernos do Aplicação, v. 37, 2024.

SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, L. Cultura das mídias. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTAELLA, L. Nós pós-humano? São Paulo: Paulus, 2020.

SINGH, S. K.; KUMAR, R.; PANDEY, V. Integrating artificial intelligence (AI) into adult education. International Journal of Adult Education and Technology, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2024. DOI: 10.4018/IJAET.345921.

YIM, I. H. Y. A critical review of teaching and learning AI literacy: developing an intelligence-based AI literacy framework for primary school education. Computers and Education: Artificial Intelligence, v. 7, 100319, 2024. DOI: 10.1016/j.caeai.2024.100319.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.